

“Um épico  
emocionante  
que você não vai  
esquecer tão cedo.”  
– *Woman's Weekly*

Esperança  
LESLEY  
PEARSE

## CAPÍTULO 1

*Somerset, 1832*

– Gritar não vai ajudar o bebê a nascer! – exclamou Bridie, irritada, enfiando nas mãos de sua senhora a corda amarrada na cabeceira da cama.  
– Segure isso e faça força.

A porta se abriu atrás dela. Bridie olhou por cima do ombro e viu Nell, a copeira, entrando com uma bacia de água quente.

– Até que enfim! Pensei que tivesse debandado!

Nell não se ofendeu com a aspereza da velha; percebeu que era apenas nervosismo. Bridie não era parteira, e somente o horror de lady Harvey ser exposta à vergonha pública a convencera a ajudar aquele bebê a nascer. A empregada aparentava bem os seus 60 anos naquele momento de angústia, as mechas de cabelo grisalho escapando da touca engomada, o rosto gorducho tenso e amarelado à luz das velas, e os olhos azuis, que normalmente cintilavam de alegria, embaçados pelo cansaço e pela ansiedade.

– Não seria melhor chamar o médico? – sugeriu Nell, quando viu as veias dilatadas e vermelhas transparecerem no rosto e no pescoço de lady Harvey.  
– Está demorando muito e ela está sofrendo.

Bridie a fulminou com o olhar e Nell entendeu que aquela não era a hora de dar opiniões. Então, tirou o pano da bacia de água fria, torceu-o e enxugou a testa da patroa. Só esperava que Bridie soubesse o que estava fazendo – se lady Harvey morresse, ambas estariam em apuros.

O quarto estava fétido e abafado, quente como um forno, embora o fogo da lareira já estivesse quase apagado. As pesadas cortinas de tapeçaria ao redor da cama e os móveis escuros bem polidos contribuía para a atmosfera claustrofóbica. Nell tinha visto os primeiros raios da aurora surgirem quando fora buscar a água quente na cozinha, e estava tão cansada que tinha a impressão de que poderia desabar ali mesmo.

No ano anterior, ajudara no nascimento de seu irmãozinho, mas não tinha sido daquele jeito. A mãe estava andando até alguns minutos antes do

parto quando então se deitou, gritou um pouco e o bebê nasceu, tão facilmente como se fosse um leitãozinho engordurado. Até aquela noite, Nell pensava que todos os bebês nasciam dessa maneira.

Mas lady Harvey começara a gritar às seis da tarde da véspera e a dor só tinha piorado ao longo da noite. Sua linda camisola branca estava empapada de suor, e a barriga distendida parecia obscena à luz tremulante das velas.

Se fosse isso o que se ganhava por estar com um homem, pensou Nell, preferia morrer virgem.

– Me deixe morrer junto com essa criança! – gritou lady Harvey. – Deus, o Senhor já não me puniu o suficiente por minha perversidade?

– Empurre a criança para fora ou vai morrer! – berrou Bridie, e deu um tapa forte na coxa nua de sua senhora. – Vamos, empurre o pestinha, maldição!

Não se sabe se por causa do tapa ou da ameaça de morte, os gritos de lady Harvey se transformaram em uma espécie de urro, não muito diferente de uma vaca em trabalho de parto, e de repente ela estava empurrando com verdadeira determinação.

Vinte minutos depois, os olhos de Nell se arregalaram quando finalmente viu a cabeça do bebê aflorando. O cabelo era negro como azeviche, contrastando fortemente com as coxas brancas como lírios de sua senhora.

– É isso! Agora o bebê está vindo. – A voz de Bridie ficou mais suave com o alívio. – Deixe-o vir sozinho, não empurre mais.

Nell assistiu fascinada, o cansaço esquecido, quando o bebê deslizou para as velhas mãos enrugadas de Bridie. A barriga, que segundos antes parecia tão esticada e inchada quanto uma abóbora madura, de repente murchou, e a patroa soltou um leve suspiro de alívio por sua provação ter finalmente terminado.

Bridie deixou o bebê recém-nascido bem longe da mãe, sem ao menos anunciar que se tratava de uma menina. O olhar de Nell encontrou os olhos da mulher mais velha, viu o medo neles, e de repente a alegria e o encantamento que sentira com o milagre da nova vida se extinguíram.

Aquela criança não estava destinada a viver. Bridie não iria lhe dar um tapinha nas costas, nem soprar na sua boca minúscula para ajudá-la a sobreviver. Estava fadada à morte.

– Acabou mesmo? – perguntou lady Harvey, a voz um mero sussurro rouco.

– Sim, acabou, milady – disse Bridie enquanto rapidamente amarrava o

cordão umbilical e o cortava. – É só expelir a placenta e poderá dormir e esquecer tudo isso.

Nell olhou para a criança imóvel e silenciosa na cama. Seus irmãos e irmãs mais novos haviam todos nascido feios e arroxeados, com a cabeça careca. Eles tinham se esgoelado, enraivecidos, em sua chegada apressada a um mundo novo e hostil. Mas aquela criança era bonita, com cabelos escuros e a boca parecendo um pequeno botão de rosa. Nell pensou que talvez fosse porque estava destinada a ir direto para o céu.

– O bebê morreu? – perguntou lady Harvey com voz sonolenta.

As veias saltadas e vermelhas em seu rosto e pescoço já haviam sumido, mas ela parecia abatida e pálida. Os compridos fios dourados, orgulho e alegria de Bridie, estavam emaranhados e sem brilho. Nell mal podia acreditar que era a mesma mulher que sempre admirara por sua serena elegância e beleza.

Bridie limitou-se a lançar um olhar de esguelha para a criança enquanto massageava a barriga da senhora.

– Sim, milady, receio que sim – respondeu ela com voz trêmula. – Mas talvez seja melhor assim.

– Posso ao menos vê-lo? – pediu lady Harvey.

Bridie acenou com a cabeça para Nell, que enrolou o bebê em uma peça de flanela e pegou-o no colo. Lady Harvey estendeu um dedo e deslizou-o pela bochecha da filha, depois virou a cabeça quando vieram as lágrimas.

– A vontade de Deus – sussurrou ela. – Mas estou grata por Sua misericórdia. Bridie indicou a porta para Nell.

– Leve-a para a copa, depois vá para a cama – murmurou. – Cuido disso mais tarde, quando terminar aqui.

Segurando o pequenino bebê sem vida nos braços, Nell seguiu rapidamente pelo corredor em direção à escada dos fundos. Briargate Hall estava tão silenciosa quanto uma cripta. Todos os outros criados tinham sido enviados para a casa de Londres três semanas antes a fim de prepará-la para o retorno de sir William Harvey. Ele passara quase dois anos na América e, é claro, esta era a razão pela qual Bridie não havia tentado salvar o bebê. Se sabia quem era o pai, ela não dizia. Tinha escondido a gravidez de sua senhora como se fosse sua. Mesmo quando fora obrigada a incluir Nell na conspiração porque não conseguiria lidar sozinha com o parto, explicou apenas que sua senhora estava esperando uma criança indesejada.

Era fim de abril, e na véspera finalmente tinham avistado sinais da primavera depois de um inverno longo e rigoroso. Aquele seria outro dia bonito e quente, porque a luz do sol já atravessava a janela junto à escadaria dos fundos.

No imenso espelho ao lado da janela, Nell viu o próprio reflexo. A imagem a chocou, não tanto porque parecia tão desarrumada – o avental manchado, a touca fora do lugar com fiapos de cabelo para fora –, mas porque os acontecimentos da noite de repente a tinham envelhecido. Apenas 24 horas antes, ela se parecia com qualquer outra criada de 16 anos: arrumada e recatada em seu uniforme engomado, as faces rosadas de tanto correr para cima e para baixo pelas escadas e um brilho nos olhos escuros porque Baines, o mordomo, não estava ali para repreendê-la o tempo todo. Seus pensamentos estavam em Ned Travers, que combinara de encontrá-la em Lord's Wood naquela tarde. Ele estava prestes a se alistar no Exército e todas as moças do vilarejo queriam namorá-lo. Nell não tinha certeza de que era isso que ela queria, mas era bom pensar que *ele* a queria.

Nell sabia que não tinha sido abençoada com beleza física. Puxara o lado paterno da família, como todos os seus irmãos e irmãs. Eram todos baixos e atarracados com cabelos pretos lisos e olhos castanho-escuros. Ned dizia que sua tez era branca como leite, mas isso provavelmente era só conversa fiada. Sua boca era pequena demais; o nariz, um pouco exagerado; as sobrancelhas, muito espessas.

Ela não conseguiu ir ao encontro de Ned, então nunca saberia se ele gostava dela de verdade ou se achava que uma mocinha simples como ela poderia ser fácil. Bridie soltou a bomba no meio da manhã e deixou bem claro que Nell não poderia sair da casa sob hipótese alguma.

Até então, Nell tinha acreditado, como todos os outros criados, que a prolongada permanência da patroa em seu quarto devia-se a ela ter se machucado ao cair do cavalo. Rose, uma das criadas, dissera que aquilo era “muito esquisito”, já que, dois dias depois da última queda do cavalo, lady Harvey já estava andando por todo lado com uma bengala.

Mas Nell não via nada de suspeito nesse longo período de convalescença. Em seus quatro anos de serviço, notara que damas da alta sociedade tendiam a sofrer de doenças curiosas que não atingiam pessoas comuns.

Nell achava que o problema da patroa era melancolia: uma combinação do longo inverno rigoroso e a ausência prolongada do marido. Sempre que

a mandavam subir com uma bandeja, lady Harvey estava ainda na cama ou sentada junto à janela com os pés para cima, enrolada em uma colcha. Parecia tão linda como sempre, o cabelo dourado caindo nos ombros, mas estava abatida e muito pálida. Nell às vezes achava que Bridie deveria ser mais firme e fazê-la dar uma pequena caminhada ao ar livre todos os dias.

Baines dera ordens a Nell pouco antes de embarcar na carruagem para Londres com o resto dos criados. Ela deveria cozinhar e copeirar até lady Harvey se sentir bem para viajar para Londres com Bridie. Então ela ficaria ali sozinha para cuidar da casa, e o jardineiro e o cavaleiro se encarregariam da parte externa da propriedade.

Nell não ficou decepcionada por não ir para Londres com eles. Bridie dizia que sempre havia muito mais trabalho por lá, porque era uma casa muito maior e os Harveys recebiam muitos convidados. Também sempre falava que os funcionários de Londres faziam pouco de roceiros como eles, e lá era como trabalhar em um hospício.

A verdade é que ficar em Briargate equivalia a um feriado para Nell, uma vez que não teria praticamente nada para fazer. Poderia dar uma fugida até sua casa todas as tardes para visitar a mãe e os irmãos e irmãs mais novos e também perambular por Briargate Hall tanto quanto quisesse.

Quando Bridie lhe dissera no dia anterior o que realmente afligia a senhora, foi um grande choque.

“Ela cometeu um deslize”, foi a explicação de Bridie, talvez imaginando que Nell não soubesse como os bebês eram feitos.

E prometera dar um soberano a Nell desde que a menina não dissesse uma palavra sequer sobre o que veria e ouviria nas horas seguintes. Bridie declarara sem rodeios que esperava que o bebê não fosse sobreviver.

Na véspera, esse prognóstico não parecia tão terrível. Bridie estava apenas sendo prática, assim como o cavaleiro quando afogou os gatinhos nascidos no celeiro. Todo mundo sabia que, de qualquer maneira, as senhoras tinham amas de leite para os bebês e dispunham de muito pouco tempo para sua prole até as crianças estarem quase crescidas.

Porém, quando lady Harvey entrou em trabalho de parto, não foi diferente de nenhuma outra mulher que Nell conhecesse. Ela suou, chorou, até gritou pragas grosseiras iguais às da desmazelada criada da taberna. Todo o linho fino e as rendas, as escovas de cabelo de prata e as joias não a impediram de parir aquele bebê exatamente como uma cigana qualquer nos

campos. E, assim como a mendiga mais comum lamentaria a morte de um filho, Nell sabia que lady Harvey também o faria.

Olhou para o pequeno embrulho em seus braços e as lágrimas brotaram-lhe nos olhos. Sua família não tinha nada, dez crianças criadas em uma casinha minúscula com goteiras no telhado, mas cada novo bebê tinha sido recebido com alegria. Aquela bebê, no entanto, não fora beijada, e nem sequer receberia um nome ou teria um enterro decente.

O fardo de testemunhar tudo aquilo era pesado. Nell não sabia como ia encarar lady Harvey depois daquilo, ou se um dia esqueceria o que aconteceu ali. Ela e Bridie poderiam até ser amaldiçoadas por terem participado!

Todos sabiam que uma maldição fora lançada sobre sir John Popham. Ele fora um antepassado dos Pophams, que ainda viviam na Hunstrete House, a mansão mais próxima de Briargate, do outro lado de Lord's Wood. Sir John fora juiz no julgamento de William Darrell, de Littlecote, acusado de assassinar um bebê recém-nascido jogando-o no fogo. Darrell lançou a maldição sobre os Pophams porque o juiz tirou-lhe, juntamente com Hunstrete, que fazia parte da propriedade, em troca da sua absolvição. A maldição foi que a família Popham nunca teria um herdeiro homem. E eles nunca tiveram um menino, apenas meninas.

Nell supunha que Darrell assassinara o bebê porque não era o pai. Ela e Bridie não haviam assassinado a criança, mas... e se não tentar fazer um bebê recém-nascido respirar pela primeira vez fosse a mesma coisa?

Se alguém descobrisse, elas poderiam ser enforcadas!

O coração de Nell disparou e seu estômago se revirou. Será que Bridie pretendia enterrar o corpo do bebê no jardim? Como achava que poderia fazer isso sem que Jacob, o velho jardineiro, visse?

Quando começou a descer a escada dos fundos, um leve movimento contra seu peito a surpreendeu. Ela tropeçou e quase deixou cair o pequeno embrulho. Nervosa, afastou um pouco a coberta de flanela e, para seu espanto, viu uma pequenina mão se mexer e o bebê bocejar.

Por um momento, só fez olhar, convencida de que estava imaginando coisas, mas a mão se mexeu de novo, mais vigorosamente dessa vez.

– É um milagre! – exclamou, sua voz ecoando na escada.

Todos sabiam que bebês recém-nascidos choravam para anunciar que estavam vivos e passando bem. Ela nunca tinha ouvido falar de algum que ficasse em silêncio, a não ser que fosse muito fraco para sobreviver.

A menos que aquela fosse uma filha das fadas.

A educação de Nell se resumia ao que tinha aprendido com o reverendo Gosling entre os 6 e 8 anos: reconhecer as letras e fazer contas. Mas tinha aprendido superstições desde pequena, com os pais e os mais antigos da aldeia.

Dizia-se que os filhos das fadas vinham ao mundo para trazer boa sorte. Eles podiam ser reconhecidos por sua chegada inesperada, sua beleza excepcional e sua natureza amável. Joan Stott, que era estéril, de repente, com mais de 40 anos, dera à luz uma menina que parecia um anjo. Joan e Amos Stott mal conseguiam subsistir vivendo de suas terras e ninguém esperava que sua filhinha pudesse sobreviver, mas foi o que aconteceu. E, mal a colocaram no berço, as galinhas dos Stotts começaram a pôr ovos, suas colheitas aumentaram e até a velha porca produziu uma ninhada de doze belos leitões. A criança agora estava com mais de 6 anos, ainda tão bonita quanto uma manhã de maio, e os Stotts estavam se tornando quase prósperos.

No entanto, fosse a bebê de lady Harvey um milagre ou uma filha das fadas, Nell sabia que Bridie não se alegraria ao encontrá-la viva. Ela estava a serviço dos Dorvilles, a família de lady Harvey, desde os seus 14 anos. Passara de auxiliar de cozinha a ama-seca e, oito anos antes, quando Anne, a mais nova, se casou com sir William Harvey, Bridie veio para Briargate com ela como sua criada pessoal.

A vida inteira de Bridie gravitava em torno da senhora que havia ajudado a trazer a este mundo, e não permitiria que nada nem ninguém a desgraçasse e envergonhasse.

Mas a possibilidade de que aquela fosse uma filha das fadas impedia que Nell considerasse os sentimentos ou os desejos de Bridie; tinha que agir de acordo com sua intuição. Desceu apressada as escadas até a cozinha aquecida e apanhou o xale que deixara em uma cadeira para agasalhar melhor o bebê. Desalojou o gato do assento da cozinheira, que ficava num canto, colocou a criança na almofada e correu para fora para encher a chaleira na bomba de água.

Quando Nell ouviu o passo pesado e lento de Bridie na escada quase uma hora depois, já estava claro lá fora, com o sol quente entrando pela treliça da janela junto à pia. A bebê agora estava lavada, embrulhada em flanela limpa e profundamente adormecida em uma cesta de roupa lavada perto do fogão.



Tinha aberto os olhos assustada quando Nell tirou a flanela suja e berrou indignada enquanto era lavada. Entretanto, assim que foi embrulhada de novo, voltou a dormir.

– Não disse para você ir para a cama? – resmungou Bridie, mal-humorada, quando entrou na cozinha, carregando um pesado balde de água suja em uma das mãos, uma bacia coberta no outro e pilhas de panos manchados de sangue debaixo de cada braço.

Ela parecia exausta. Tinha os ombros curvados e o avental manchado de sangue, e respirava ruidosamente com o esforço da caminhada até a cozinha.

– A menina está viva – disse Nell, apontando para a cesta.

Bridie empalideceu e deixou cair seus fardos, espirrando água no chão.

– Ah, meu Deus, Maria, mãe de Deus! – exclamou, persignando-se e olhando assustada para a cesta.

– É uma criança sadia e bonita – arriscou Nell, temerosa.

Ainda que simpatizasse com Bridie e sua senhora, pois sabia quantos problemas um bebê vivo poderia criar para ambas, não podia deixar de ficar satisfeita em tê-lo ajudado a sobreviver. No entanto, ao mesmo tempo, também sabia que moças como ela podiam ser demitidas por interferir no que não era de sua conta, e Bridie decerto acharia que era exatamente o que ela havia feito.

A velha ama soltou um soluço de tristeza e pôs as mãos no rosto, consternada.

– Ah, meu Deus! – exclamou. – O que vou fazer agora?

Nell logo se aproximou e a abraçou, como faria com a própria mãe se ela estivesse aflita. Bridie tinha sido bondosa com ela desde o seu primeiro dia em Briargate, quando ainda era só uma menina apavorada de 12 anos sem a menor ideia do que significava deixar a própria família e entrar para o serviço doméstico de uma casa. Foi Bridie quem insinuou que as habilidades de Nell estavam sendo desperdiçadas na cozinha e que ela deveria ser treinada como copeira; lutou contra os protestos da cozinheira e da Sra. Cole, a governanta, encobriu Nell quando ela quebrou um enfeite e em outra ocasião contrabandeou sobras de comida para sua casa quando o pai de Nell ficou sem conseguir trabalhar por causa de um problema pulmonar.

Durante seus quatro anos em Briargate, aquela mulher não tinha apenas consolado Nell, mas também fora sua professora e confidente. Graças a ela, Nell podia ajudar sua família; tinha boa alimentação, roupas decentes e

perspectivas. Não sabia se havia algum jeito de fazer com que Bridie sáísse daquele aperto, mas se houvesse um ela o encontraria.

– Não fique assim, Bridie – disse Nell, serena. – Estamos cansadas agora, mas se pensarmos juntas vamos dar um jeito. Vou fazer um chá e depois você vai para a cama. Vou pôr esses panos de molho e ficar de ouvido atento à patroa.

Bridie afastou-se dos braços de Nell e enxugou os olhos na bainha do avental. Seus olhos azuis ainda estavam marejados, mas a copeira notou que ela se esforçava para recobrar a compostura.

– Você é uma boa menina – disse com voz trêmula. – Mas é você quem deve ir para a cama. Eu vou me sentar aqui um pouco com meu chá e depois voltar para o andar de cima. Posso dormir na cadeira no quarto da senhora.

– Posso levar a bebê comigo? – perguntou Nell.

Bridie balançou a cabeça.

– Ela ficará mais aquecida aqui. Vá para a cama.

Com os pensamentos na criança, Nell se deu conta de que não conseguiria dormir. A menina ia ficar com fome em breve e, se Bridie estivesse no quarto de lady Harvey, não a ouviria chorar. Havia tantas outras coisas que precisavam ser feitas também: buscar carvão para o fogão, lavar a roupa e preparar algo substancial para lady Harvey comer. Ela não podia ficar ali deitada e deixar tudo por conta de Bridie.

Ela se levantou e se lavou, então pôs o velho vestido cinza que usava para o serviço pesado. Segurando as botas, desceu as escadas do seu quarto no sótão sem fazer ruído para não perturbar a senhora.

Não se passava um dia sem que Nell se considerasse abençoada por poder morar em Briargate Hall. Era uma casa clara e iluminada, construída havia apenas quarenta anos por sir Roland Harvey, pai de William, e situada a meio caminho entre as cidades de Bath e Bristol. Nell nunca estivera em nenhuma dessas cidades; só conhecia o vilarejo de Compton Dando, onde nascera, e os vilarejos vizinhos. O lugar mais distante que havia visitado fora Keynsham, a cerca de cinco quilômetros dali.

As pessoas diziam que o porto de Bristol era uma maravilha e que lá se

podia ver belíssimos navios a vela que navegavam até os extremos da terra. Mas Nell não tinha vontade de conhecer o lugar; um ano antes, centenas de pessoas tinham morrido de cólera, e fazia menos de cinco meses, em outubro, tinham ocorrido terríveis revoltas populares por três dias. Muitas pessoas morreram, dezenas ficaram gravemente feridas e vários prédios tinham sido destruídos e queimados. Quatro pessoas foram enforcadas por estarem envolvidas e outras mais colocadas na prisão ou exiladas. Para Nell, parecia ser um lugar muito perigoso.

O Sr. Baines, que sabia quase tudo, disse que os tumultos haviam acontecido porque o sistema de governo era corrupto. Explicou que os membros do Partido Conservador tinham subornado e intimidado os eleitores para que os partidos reformistas não pudessem entrar. Mostrou-se orgulhoso do fato de as pessoas de Bristol terem coragem de protestar e afirmou que, se fosse jovem, teria se juntado a elas.

Nell ouvira dizer que Bath, a outra cidade próxima, era muito diferente de Bristol, pois era onde a nobreza ia tomar suas águas especiais e se divertir. Baines contou que era uma cidade linda, com ruas largas, casas esplêndidas e lojas cheias de produtos de luxo, de deixar uma pessoa de queixo caído.

A cozinheira, porém, afirmava que aquilo era um antro de perdição, com as ruas repletas de batedores de carteiras, e que as tais águas tinham um gosto tão ruim que só faltavam matar as pessoas. Por isso, Nell achava que aquelas cidades não tinham nada muito interessante para uma moça como ela.

Baines contou que o velho sir Roland Harvey tinha sido um grande viajante e que o projeto da mansão de Briargate fora influenciado pelas casas que ele havia visto na Itália e pelas fazendas das Índias Ocidentais. Ele trouxera da Itália o mármore preto e branco para o piso do saguão, juntamente com as estátuas de mármore no jardim, e em vez de construir a casa com a pedra da região, ele usara tijolos cobertos com uma espécie de argamassa rosada. Havia um pórtico grandioso na frente sustentado por grandes colunas, e o telhado era verde em vez de vermelho.

As janelas longas e estreitas quase chegavam ao chão e deixavam entrar a luz do sol durante todo o dia; as persianas graciosas haviam sido especialmente desenhadas para sir Roland, assim como as lareiras de mármore. Nell apreciava especialmente as uvas e os pássaros esculpidos nos balaústres das escadarias; parecia impossível que alguém pudesse fazer algo tão delicado apenas com um cinzel. Com os candelabros reluzentes, tapetes espessos e

móveis tão polidos que dava para ver o próprio rosto refletido neles, Nell tinha a sensação de estar morando num palácio.

Quando começou a trabalhar em Briargate, mal conseguia limpar uma lareira de tanto tempo que ficava contemplando as pinturas nas paredes. Para onde quer que olhasse, havia objetos para admirar. Bridie não compartilhava de seu entusiasmo. Dizia que, com apenas oito quartos, não chegava a ser tão grande ou magnífica quanto a casa de Londres. Admitia que o velho sir Roland fora inteligente ao projetar a casa de modo a poupar trabalho. Ela costumava acrescentar com certo sarcasmo que ele já devia saber que o comércio de escravos seria abolido e que não conseguiria criados para trabalhar ali sem ter que pagar por isso.

Nell achava que um mordomo, uma governanta e uma cozinheira, quatro criadas, mais jardineiros e cavaleiros, além de várias outras pessoas que só vinham quando eram necessárias, era uma quantidade enorme de criados para cuidar somente de uma casa e de duas pessoas. Mas Bridie retrucava que não era uma equipe tão grande assim, e que só conseguiam dar conta de tudo com facilidade devido ao projeto da casa.

Os ambientes eram espaçosos, mas não grandes a ponto de atrapalhar o aquecimento. A sala de jantar ficava perto da cozinha, então a comida chegava quente à mesa. Havia até uma geringonça na cozinha com a qual, apenas se puxando uma corda, grandes baldes de água quente podiam ser mandados para o andar de cima, para os banhos e lavabos. Bridie ria e chamava-a de “O Salvador das Criadas”, puxando a manga para mostrar uma cicatriz de queimadura no antebraço que ganhara quando jovem ao carregar um balde de água fervendo escada acima.

Ao ouvir a bebê gritar, Nell nem parou para calçar as botas. Quando chegou ao final do corredor que levava à cozinha, ficou horrorizada ao ver Bridie curvada sobre a cesta da bebê com uma almofada nas mãos.

Não havia dúvidas sobre o que pretendia fazer, porque ela estava chorando e murmurando algo em meio às lágrimas que soava como um pedido de desculpas ou uma prece.

– Não, Bridie! – gritou Nell, largando as botas no chão ruidosamente e correndo para a ama. – Não faça isso! É maldade, e ela é uma filha das fadas.

Bridie olhou para trás, o rosto enrugado cheio de culpa.

– Mas é a única maneira, Nell. Se essa criança viver, vai desgraçar minha senhora, ela vai ser expulsa de Briargate.

Mais tarde, Nell lembraria que Bridie assistira com indiferença quando uma criada foi mandada embora porque estava grávida. Se lady Harvey fosse expulsa, seria acolhida pela própria família, mas aquela coitada não teria outro lugar para onde ir a não ser para os terríveis abrigos de pobres, forçada a executar trabalhos desagradáveis e árduos.

Mas Nell não pensou nisso; só tinha em mente evitar um assassinato.

– Você não pode matar um bebê – insistiu, metendo-se entre Bridie e o berço improvisado. – Não está certo e você sabe disso.

Por um segundo ou dois, Nell pensou que Bridie a empurraria e levaria seu plano adiante, pois dava para ver o desespero em seu olhar. Mas, em vez disso, ela de repente perdeu as forças, afundou em uma cadeira e cobriu o rosto com as mãos.

– Só Deus sabe que não quero fazer mal a ela, mas o que mais resta fazer? – perguntou em tom de súplica.

– Não sei – disse Nell, e pousou a mão no ombro da velha ama. – Mas não é certo matá-la. Não é culpa dela ter nascido, e como já disse, é uma filha das fadas. Olhe bem para ela!

A bebê estava agora com os olhos abertos e parara de chorar, como se soubesse que o perigo havia passado. Seus olhos não eram da cor azul habitual dos bebês recém-nascidos, mas escuros como a noite, olhando para Nell como se lhe agradecesse por salvá-la.

– Talvez possamos levá-la para a igreja e deixá-la lá, então? – sugeriu Bridie em desespero. – O reverendo Gosling acharia um lugar para ela.

Nell balançou a cabeça. Sabia que os bebês que saíam da igreja iam para o abrigo dos pobres, e poucos sobreviviam mais do que algumas semanas. Ela pegou a criança e a aninhou com ar protetor em seus braços.

– Você sabe o que isso significa – lembrou a Bridie, e então, quando o cheiro suave da bebê chegou até ela, desencadeou suas próprias lágrimas.

Durante alguns minutos, nenhuma das duas falou. Bridie permaneceu com a cabeça entre as mãos, soluçando, enquanto Nell andava de um lado para outro pela cozinha acalentando a bebê.

Nell sentiu subir-lhe uma onda de raiva ao se dar conta de que lady Harvey deveria estar dormindo pacificamente agora, enquanto ela e Bridie tinham que encontrar uma solução para um problema que não era delas. Lady

Harvey havia nascido rica, tinha sido mimada, vestida com as melhores roupas, educada por governantas, depois se casara aos 18 anos com um homem que todos diziam ser o melhor partido do condado.

Nell lembrava-se de, ainda pequena, estar com as outras crianças do vilarejo no pátio da igreja de Saint Mary the Virgin para jogar pétalas de rosa no casal. Nenhuma rainha pareceria mais bonita do que lady Harvey naquele dia, com os cabelos dourados caindo pelos ombros. Seu vestido de seda branca com a cauda de três metros e meio devia ter custado mais do que o pai de Nell ganhara em toda a vida. E sir William não era apenas rico, também era bonito, esguio e alto, com cabelos claros encaracolados e olhos muito azuis. Todos diziam que era uma união perfeita e, alguns anos depois, quando Nell veio trabalhar em Briargate, às vezes via o casal rindo e correndo pela propriedade como dois pombinhos apaixonados, o que para ela confirmava isso.

Então, por que lady Harvey dormira com outro homem? Por que não devia assumir a responsabilidade pelo próprio pecado, como se esperaria que Nell e até Bridie fizessem se o mesmo acontecesse com elas?

No entanto, embora pensasse dessa forma, ela sabia que, assim como Bridie, não poderia suportar ver lady Harvey desonrada. Ela podia ser mimada, mas era sobretudo uma mulher gentil e generosa. Nell não saberia dizer quantas vezes lady Harvey tinha colocado um xelim em sua mão para entregar à sua mãe. Dera-lhe roupas antigas; deixava-a costurar vestidinhos e camisas para seus irmãos e irmãs quando deveria estar trabalhando. Nunca batera nela e nem sequer resmungava quando Nell se mostrava desajeitada. No dia anterior, ela agradecera a Nell e Bridie por sua lealdade e prometera-lhes que sempre cuidaria delas.

A verdade era que, de muitas maneiras, lady Harvey parecia uma criança. Tinha muita vida e animação, mas também era cheia de inocência. Esse homem, quem quer que fosse, devia tê-la seduzido quando estava solitária. Ninguém da família dela a visitou desde que o marido foi embora; ela não tinha amigos em Somerset, só os amigos dele. Nell lembrava-se de ouvi-la chorar quando sir William partiu para a América; ela queria acompanhá-lo, mas ele não deixou. Como a própria mãe de Nell costumava dizer: *Você precisa andar com as botas de outra pessoa para saber como é para elas.*

Pensar em sua mãe deu uma ideia a Nell.

– Eu poderia levar a bebê para a minha casa, para minha mãe. Ela ainda deve ter leite para alimentar esta pequena.

– Sua mãe já tem filhos demais – disse Bridie, as lágrimas rolando pelas bochechas. – Além do mais, é muito perto daqui. Como ela explicaria onde conseguiu mais um?

Nell visualizou a casinha superlotada e a mãe já tão cansada com muitos filhos, mas sabia que, assim que estivesse com a bebê nos braços, ela não se negaria a cuidar dela.

– As pessoas não contam quantos filhos ela tem – disse Nell com sinceridade. – Estão tão acostumadas a vê-la sempre com um bebê novo nos braços que nem notariam.

– Mas e seu pai?

Nell deu um meio sorriso. A única culpa de seu pai era ser generoso demais em todos os sentidos: com seu trabalho, seu tempo e seu afeto. Quando tinha dinheiro, era generoso com isso também. Sua mãe sempre dizia que se ele trabalhasse apenas as horas que lhe pagavam, se não a amasse tanto e se economizasse o pouco dinheiro que tinha, eles não estariam em um casebre desmantelado com tantos filhos. Mas Nell achava que a mãe não gostaria que ele fosse diferente.

– Meu pai gosta de bebês – respondeu a menina. – Ele vai dizer que mais um não fará diferença.

Bridie secou as lágrimas no avental, mas seus olhos ainda estavam cheios de ansiedade.

– Pode ter certeza de que eles não vão contar nada – continuou Nell, sabendo que era o que estava na mente de Bridie. – Nem os maiores saberão a verdade. Se eu a levar para minha mãe hoje à noite, depois que eles forem para a cama, vão acreditar que nasceu enquanto estavam dormindo.

Bridie ainda parecia insegura.

– Minha mãe tem partos rápidos – insistiu Nell. – Quando Henry nasceu no ano passado, eles não sabiam de nada até o ouvirem chorar. Eu estava com ela, por isso eu sei, e a barriga dela já é tão grande de tantos bebês que eles quase esperam que mais um apareça da noite para o dia.

– Mas é um segredo que tem de ser mantido para sempre – lembrou Bridie. Nell assentiu; ela compreendia isso muito bem.

– A senhora me disse há algum tempo que, se a criança vivesse, queria que fosse entregue a alguém que a criasse em troca de pagamento – disse

Bridie, baixinho. – Ela me pediu para procurar uma família, e fui ver uma mulher no vilarejo de Brislington para resolver isso. Mas não gostei da mulher, tinha uma expressão dura e as crianças de que cuidava estavam sujas e com ar doentio. Pelo menos nós sabemos que sua mãe vai cuidar bem dela.

Bridie ficou em silêncio, evidentemente ponderando tudo o que sabia sobre Meg e Silas Renton, e se eram confiáveis. Nell não disse mais nada porque sabia que sua família era muito estimada por ali. Ela não teria conseguido trabalhar em Briargate se não fosse por isso.

– Como devemos chamá-la? – Bridie acabou dizendo, tirando a bebê dos braços de Nell e desta vez olhando para ela quase com carinho. – Não seria certo deixá-la ir sem lhe dar um nome.

Deram à filha das fadas de Joan Stott o nome de Faith, que quer dizer fé, e ocorreu a Nell imediatamente que outra filha das fadas nascida tão perto deveria ter um nome semelhante.

– Hope, que significa esperança – disse ela, sem qualquer hesitação.

Bridie franziu os lábios como se não gostasse, mas então, ao olhar para a bebê dormindo em seus braços, sorriu.

– Sim, Nell, é um bom nome. Espero que sua mãe passe a amar a pobrezinha, espero também que um dia eu possa esquecer a maldade que ia fazer. Ela não se parece em nada com a nossa senhora, então talvez você esteja certa e ela seja mesmo uma filha das fadas.

Naquela noite, Nell parou junto de Lord's Wood, que marcava o limite entre o terreno de Briargate e Hunstrete. Trazia a bebê debaixo da capa, segura por um xale amarrado em seu peito. Pousando a cesta no chão, se virou para olhar para a casa, pois a lua estava cheia e ela conseguia enxergar tão bem como se fosse dia.

A melhor vista que se tinha de Briargate era a partir de seu longo caminho arborizado que saía da estrada em Chelwood. A propriedade aparecia, orgulhosa, em um terreno ligeiramente mais alto e podia-se ver o magnífico pórtico da frente, as elegantes janelas compridas e as grandes estátuas de mármore em torno do canteiro circular de roseiras diante da casa. No verão, era como uma pintura, as rosas e glícínias chegavam até as janelas dos quartos.

Mas Nell estava na ala leste da mansão, na extremidade inferior do padoque, pois a maneira mais rápida de chegar ao vilarejo de Compton Dando



era pela floresta. Vistos desse ângulo, à luz da lua, os abetos plantados nas margens do terreno davam mesmo a impressão de estarem protegendo Briargate. O luar se refletia também nas estátuas de mármore da fachada, e uma lágrima escorreu pelo rosto de Nell quando ela percebeu que a bebê dormindo em seus braços estava de fato perdendo seu direito de nascimento e sua mãe verdadeira.

– Vou dizer adeus por você – sussurrou. – Sinto muito você não poder crescer no berçário fino, não ter vestidos de seda e criados para atendê-la. Mas acho que terá mais amor na nossa casa.

A sensação de ter envelhecido dez anos quando se olhou no espelho aquela manhã permanecera. Estava exausta, mas sentiu que mesmo dormir não a faria voltar a ser aquela menina despreocupada de alguns dias antes. Ouvira lady Harvey chorando muito naquela tarde, e de repente ela não era mais uma mulher bonita e rica que tinha o mundo a seus pés. Aos olhos de Nell, era apenas outra pobre alma que sofria pela criança que havia perdido.

Hope tinha começado a chorar ao mesmo tempo, e tudo que Nell podia fazer era dar-lhe água açucarada com uma colher na boca minúscula para que aguentasse até o fim do dia. Bridie passara a maior parte da tarde revirando um baú no antigo quarto de criança de sir William, à procura de roupas de bebê, camisolas, toucas e casaquinhos. Comentou como se sentia triste por ter que pôr de lado as melhores, lindamente bordadas, e apanhar apenas as simples, pois despertaria desconfiança no vilarejo caso a pequena Hope aparecesse vestida com roupas caras.

No entanto, as fraldas, o cobertor e os outros itens embalados na cestinha ainda eram de muito melhor qualidade do que qualquer coisa a que Nell e seus irmãos estavam habituados. Hope ia mamar no seio que todos conheciam, passaria por dias de fome como eles e descobriria que as crianças do vilarejo começavam a trabalhar desde tenra idade. Mas será que não conservaria alguma coisa de seus pais biológicos? Não apenas a aparência, o corpo e a estatura, mas uma consciência inata de que não pertencia verdadeiramente a uma classe de criados?

Nell suspirou e pegou a cesta. Sabia que não era bom pensar nessas coisas, e precisava seguir a trilha através do bosque com atenção, tomando cuidado para não tropeçar no escuro.



Compton Dando ficava em um vale arborizado e era cortado pelo rio Chew. Para um vilarejo pequeno, com uma população de pouco menos de quatrocentas pessoas, era um lugar movimentado, com uma hospedaria, uma padaria, a igreja, um ferreiro, um carpinteiro e um moinho. Durante o dia, ouvia-se ali uma barulheira infernal vinda dos moinhos de cobre em Publow e Woolard, os dois vilarejos mais próximos seguindo o rio, e havia pequenas minas de carvão espalhadas por toda a área. Embora alguns homens de Compton Dando trabalhassem nos moinhos ou nas minas, a maioria era de trabalhadores rurais como o pai de Nell, que complementavam os baixos salários cultivando as próprias faixas de terra, criando galinhas e muitas vezes porcos ou vacas também.

Depois de atravessar o bosque, Nell passou pelo rossio, o grande terreno baldio de uso comum do vilarejo. Felizmente, a casa dos Rentons não era muito longe; se fosse perto da igreja, ela poderia ser vista por alguém que estivesse entrando na taberna Crown.

Uma coruja piou no grande carvalho ao lado da casa modesta, mas isso e o gorgolejo do rio foram os únicos sons ouvidos naquela noite.

– Nell! – exclamou Meg Renton quando viu a filha entrar pela porta. – O que a traz aqui tão tarde?

A pequenina cabana estava iluminada por uma única vela, mas o fogo era somente um brilho vermelho desbotado. Um estranho presumiria que Meg estava sozinha em casa, mas na verdade havia uma porção de gente ali dentro. O pai de Nell estava na cama nos fundos do cômodo com Henry, o filho mais novo, ao lado dele. As outras oito crianças estavam numa espécie de mezanino, a que se chegava por degraus íngremes com uma corda servindo de corrimão.

Uma das coisas que Nell mais estranhou quando foi trabalhar em Briar-gate foi não poder ir para a cama ao anoitecer como sempre fazia em casa. Gente da nobreza ficava acordada até tarde, pois podia pagar por dezenas de velas e lâmpadas a óleo e não precisava se levantar ao nascer do sol.

Entretanto, sua mãe nunca ia para a cama com o restante da família, apesar de trabalhar mais do que qualquer um ali. Ela se sentava junto ao fogo por uma hora ou duas com uma vela acesa. Dizia que era a única hora em que tinha um pouco de paz.

Vendo o rosto cansado da mãe à luz da vela, Nell sentiu uma pontada de

remorso por lhe trazer mais um fardo. Meg tinha 34 anos, e os dez filhos, além de um natimorto, tinham-lhe roubado a vitalidade e força de que Nell se lembrava de quando era pequena. O cabelo ainda era grosso e escuro, mas o corpo, antes esguio, tornara-se volumoso, e o rosto estava ficando enrugado e flácido. A camisola que vestia pertencera a Bridie, de flanela cerzida e remendada, tão puída em certos pontos que parecia que se desmancharia na próxima lavagem.

– Trouxe uma bebê – disse Nell com simplicidade, incapaz de pensar em uma maneira menos direta de apresentar Hope, tirando o capote e desatando o xale no qual a bebê estava aninhada. – Era melhor do que deixá-la na igreja ou nos abrigos, que eram as únicas outras opções.

Hope acordou quando a pegaram no colo e começou a chupar o punho. O mais resumidamente possível, Nell explicou como a criança viera parar em suas mãos e que precisava ser alimentada ou morreria.

Meg desabotoou a camisola em silêncio, pegou Hope e a colocou no peito sem dizer nada. Demorou alguns segundos para a bebê encontrar o mamilo; e só quando ela começou a sugar com regularidade é que Meg falou.

– Sua patroa devia ter vergonha – disse em voz baixa. – Não está certo contar com as criadas para acobertar seu erro.

Com medo de que o pai acordasse, Nell puxou um banquinho para perto da mãe e sussurrou a situação toda, incluindo o fato de lady Harvey achar que a criança havia morrido.

– Ela é uma boa mulher, você sabe disso, mãe. Bridie e eu não podíamos deixar que fosse desonrada...

– Ela teria pensado em você se estivesse na mesma situação? – perguntou Meg, os lábios tremendo de raiva. – Não, ela a teria mandado para a paróquia!

Nell se encolheu.

– Depois do que vi hoje, não deixarei que nenhum homem faça isso comigo. A sombra de um sorriso aflorou nos lábios de Meg.

– Procure lembrar-se disso quando encontrar um namorado! – afirmou sem rodeios. – Mas ela é uma mulher casada! E uma pessoa estudada, que sabe das coisas. O que estava pensando?

– Talvez ele a tenha forçado – sugeriu Nell.

Meg balançou a cabeça.

– Quem ousaria forçá-la?

Nell não tinha resposta para isso. Ela não queria pensar em lady Harvey se comportando de maneira libertina com um homem, mas também não queria supor que essa bebezinha fosse resultado de uma agressão.

– Você vai ficar com ela, mãe? – perguntou, e tirou do bolso a libra esterlina que Bridie lhe dera.

– Já tenho filhos demais – disse Meg, mas estava olhando para Hope com a mesma expressão terna de quando olhava para os próprios bebês. – Não temos espaço; a cada semana fica mais difícil alimentar a todos. Se eu ficar com ela, daqui a uma ou duas semanas lady Harvey estará indo para as suas festas e bailes sem pensar em mais ninguém além de si mesma, e eu ficarei aqui me sacrificando.

Nell assentiu, sabia que a mãe tinha razão. Antes de ir para Briargate, ela não tinha a menor noção de como a nobreza vivia. Até então, eram apenas pessoas de roupas finas que se sentavam nos bancos da frente na igreja, ou aquelas para quem o pai dela tirava o chapéu quando passavam em seus cavalos elegantes. Ficou tão entusiasmada quando o reverendo Gosling arranhou-lhe um emprego na casa dos Harveys que não pensou nem um minuto que sentiria saudades de morar com a família, ou que seu trabalho como criada seria uma centena de vezes mais árduo do que as tarefas que desempenhava em casa.

Na realidade, durante o primeiro ano que passou em Briargate, ela chorava todas as noites, pois não tinha um segundo de descanso. Como criada da cozinha, seu trabalho era o mais duro: lavar panelas, esfregar pisos e acender o fogo, sempre tendo que obedecer imediatamente às ordens de todos. Em sua casa havia amor, risadas e conversas junto com o trabalho; sua mãe se preocupava se ela estava com dor nas costas, se tinha um dedo cortado ou se estava cansada. Seu pai a punha no colo à noite e dizia que era bonita e inteligente. Não tinha nada disso em Briargate.

Mas aprendeu a lidar com as dificuldades, afinal. Devagarinho, foi promovida a copeira. Agora, havia apenas Baines, a Sra. Cole, Bridie e a cozinheira acima dela, não fazia mais trabalho pesado e até tinha tempo livre para se sentar com uma xícara de chá e conversar com a cozinheira ou com Bridie.

Mas a melhor coisa ainda era a folga semanal, e a folga mensal de domingo quando ia para casa após a cerimônia da manhã na igreja. Sua família podia ser pobre, mas tinha orgulho, dignidade e bom coração.

– Vou ajudar no que puder. – Nell ofereceu a moeda de ouro novamente. – Isto foi o que recebi hoje, e Bridie vai dar um jeito de você receber mais. Vou pedir que ela leve James e Ruth para Briargate também. Isso vai ajudar.

Silas, o pai de Nell, se considerava um homem de sorte. Depois de umas duas canecas de sidra, ele tinha o costume de se gabar de ter a melhor esposa que um homem poderia ter, dez crianças felizes e saudáveis, e que sua casa ficava no lugar mais bonito de Somerset.

Contudo, permanecia o fato de que, por mais que Silas trabalhasse, o que tinham mal dava para o sustento diário e, quando não tinha trabalho, muitas vezes a família passava fome. Matthew, que aos 15 anos era o mais velho dos irmãos de Nell, também trabalhava no campo e contribuía regularmente com seu salário. Mas James e Ruth, que tinham 14 e 13 respectivamente, ainda não haviam conseguido encontrar trabalho permanente. Depois deles vinham Alice, Toby, Prudence, Violet e Joe, cujas idades iam de 9 até 2 anos e meio, e, finalmente, o bebê Henry, que recentemente fizera seu primeiro aniversário.

– Eu pensei em manter Ruth em casa para me ajudar com os pequeninos, mas Alice também leva jeito para cuidar deles – disse Meg com a voz cansada. – Ah, Nell, você tem sido tão boa... Não é justo assumir essa incumbência.

Nell pensou em quão abnegada era sua mãe. Se concordasse em ficar com a criança, iria amá-la e cuidar dela da mesma forma que fizera com todos os filhos, e Nell não tinha dúvidas de que, dali a uma ou duas semanas, Meg provavelmente já teria esquecido que não dera à luz aquela criança. Mas jamais permitia que tirassem proveito de sua bondade.

– Não sou eu quem está assumindo a incumbência – afirmou Nell. – É você, mãe. Pode me dizer para levá-la embora, se quiser. O que estou lhe pedindo para fazer não é nada fácil. Mas, se concordar, farei tudo o que puder para ajudar. Prometo.

Meg acariciou o rosto da filha sem falar nada. Parecia que a pequena Hope tinha ficado satisfeita, pois deu um suspiro e soltou o mamilo intumescido. Meg deitou-a nos joelhos e passou o dedo carinhosamente pelo queixo pequenino, olhando-a com atenção.

– Ela é linda – disse por fim, olhando para Nell. – Duvido que vá dar muito trabalho para mim e seu pai. Então vá para a cama, Nell, você parece cansada. Ela agora é minha.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

